ARLEQUIM
Novembro de 1927
Dia 10
N. 1

Moveis para "Bungalow"

SE bem que os dormitorios e salas de jantar que havemos ultimamente annunciado vieram definir, de uma forma integral, a nossa posição de principaes fabricantes de moveis para "bungalow" os que fabricamos para outras dependencias, devem, por certo, solidificar ainda mais esse lisonjeiro conceito.

Moveis estofados, Guarnições para "hall" e entradas, Moveis para "fumoir" e bibliothecas, fabricados sob desenhos de nossos artistas, obedecendo á mesma elegancia e á mesma franqueza de linhas baixas, harmonisando-se, admiravelmente, aos ambientes dessas novas habitações.

Ternos estofados em damasco de seda, desenhos japonezes. Artigo luxuoso!

2:300$ e 1:800$

VALOR DE RELIQUIA

Detenha-se V. Exa. por alguns instantes ante o fino dormitorio de couro que ora expomos em nossa Galeria de Moveis e verá que:

E' feito para servir gerações, honrando, na posteridade, a memoria de seus doadores.

MAPPIN STORES

REVISTA DE ACTUALIDADES

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS FEIRAS, EM SÃO PAULO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Libero Badaró, 28, 3.° andar, sala 14

CAIXA POSTAL 3323

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Por anno 40$000
Por semestre 22$000
Numero avulso 1$000

GERENTE

Americo R. Netto

DIRECTORES

Sud Mennucci
Mauricio Goulart
Americo R. Netto

ILLUSTRADOR

J. G. Villin

COLLABORADORES:

ALBA DE MELLO (SORCIERE), MARIA JOSÉ FERNANDES, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, RODRIGUES DE ABREU, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, MELLO AYRES, THALES DE ANDRADE, CORRÊA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHMIDT, GALVÃO CERQUINHO, MERCADO JUNIOR, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, JOSÉ PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

CORRESPONDENTES:

NO INTERIOR DE SÃO PAULO:

Amparo, Oracy Gomes; Araraquara, Sizenando da Rocha Leite; Ariranha, Bruno Vollet; Assis, Leão Alvares Lobo; Atibaia, Licinio Carpinelli; Avaré, B. Euphrasio Campos; Barra Bonita, Armando Ognibene; Barretos, João Baptista Aguiar; Batataes, Benedicto Tondella; Bebedouro, Attilio Ognibene; Bernardino de Campos, José Pereira Eboli; Boa Esperança, André Almeida Godoy; Baurú, Brenno Pinheiro; Botucatú, José Benedicto Dutra; Bragança, Plinio de Paula Braga; Cajurú, Francisco Faria Barcellos; Capivary, João Stein; Casa Branca, Herculano Castro Rodrigues; Cascavel, Nicanor Martins Lino; Catanduva, Malvino de Oliveira; Cordeiro, Vicente dos Santos; Cravinhos, Francisco Gomes; Descalvado, Lazaro Ferraz Camargo; Dois Corregos, Salvador O. de Arruda; Espirito Santo do Pinhal, Humberto Leal; Faxina, Luiz José Dias; Guaratinguetá, Julio Penna; Iguape, Eulalio Arruda Mello; Itapetininga, Elisario Martins Mello; Itapira, José da Cunha Raposo; Itapolis, João Ramacciotti; Ityrapina, Joaquim Toledo Camargo; Itù, Firmino Teixeira; Jahù, Synesio Paes de Barros; Jaboticabal, Clodomir F. Albuquerque; Limeira, Nestor Martins Lino; Pindamonhangaba, José Vieira de Macedo; Mattão, Walfredo Andrade Fogaça; Mineiros, Sylvio da Costa Neves; Mócóca, Francisco R. Baena de Castilho; Mogy das Cruzes, Samuel Amazonas Sampaio; Mogy Mirim, Mario de Barros Aranha; Monte Alto, Luiz Damasio Penna; Monte Alegre, Affonso R. Persicano; Orlandia, José Santoro; Palmeiras, Leonidas Horta Macedo, Pederneiras, Heitor Lisboa; Pennapolis, Gustavo Kulhmann; Piracaia, Lydio Herdade; Piracicaba, José Martins Toledo; Pirajuhy, Frontino Brasil; Pirassununga, Elias Mello Ayres; Porto Ferreira, Carlos Fenili; São João da Bocaina, Lazaro Gonçalves Teixeira; Rebouças, Vicente Ferreira Bueno; Ribeirão Preto, Antenor Romano Barreto; Rio Claro, Valdomiro Guerra Corrêa; Rio das Pedras, Manoel Costa Neves; Rio Preto, João Teixeira de Lara; Santa Adelia, Salvador Gogliano Junior; Santa Barbara, Joaquim A. do Canto; Santa Cruz do Rio Pardo, Luthgardes de Castro; Santa Gertrudes, J. Romeu Ferraz; Santa Rita, João Barcellos Filho; Santos, Moacyr Serra; São Bernardo, Gastão Ramos; São Pedro, Julio Oliveira; São Simão, Antonio Siqueira de Abreu; Serra Negra, Luiz Americo Introini; Sertãozinho, Leoncio Ferraz Amaral; Torrinha, Ottilio Meira Lara, Vallinhos, Americo Belluomini; Vargem Grande, Gilberto Giraldo; Villa Americana, Alcindo S. Nascimento; Villa Raffard, Jonas Corrêa Arruda Filho; Xarqueada, Sylvio Felippetti.

NO RIO GRANDE DO SUL:

Porto Alegre, Mansueto Bernardi; Santa Maria, Vicente Gomes; Pelotas, Sallis Goulart.

NO PARANA':

Curityba, Paulo Tacla; Tupaceretan, Baldomero Fernandes; Caxias, Olmiro Azevedo; Santiago do Boqueirão, Rivadavia Severo; Cachoeira, Orlando da Cunha Carlos;
São Luiz Gonzaga, Juvenal Pinto; Lageado, Decio Martins Costa.

NO RIO DE JANEIRO:

V. Amadel Soares — R. Cattete, 186.

EM ALAGOAS:

Maceió, José Lins do Rego.

EM PERNAMBUCO:

Recife, Mario Mello.

NO RIO GRANDE DO NORTE:

Natal, Luiz da Camara Cascudo.

NO CEARA':

Fortaleza, Gilberto Camara.

NO PARA':

Belém, Alberto Queiroz de Andrade.

UMA VERDADE SUPREMA

A Roma vae, afinal
qualquer caminho seguido,
seja elle curto ou comprido
diz conhecido rifão.

E assim, de modo egual
de qualquer experiencia,
feita com apuro e sciencia,
se tira esta conclusão:

O que ha de bom nesta vida
— Já toda a gente o garante —
E' a superfina bebida:
O GUARANA' ESPUMANTE.

RESURREIÇÃO

LUIZ FABIO

Uma pequena historia no Hospital de São Carlos. Manhan de sol, muita luz e muitas flores. Luiz Gastão, joven official do exercito, e Ruth, irman de caridade. Elle, ferido nos olhos, está, ha um mez, recolhido no Hospital. Ruth, muito branca e muito linda, é a sua enfermeira. Os seus olhos azues, tão azues como o ceo nessa manhan de sol, fitam o rosto pallido de Luiz Gastão, e a sua boquinha rubra muita vez tentou dizer-lhe alguma cousa, mas não ousou... E, ali, sentados no banco de pedra do jardim, nessa manhan em que as rosas cheias de vaidade mostravam ao olhar voluptuoso do sol toda a sua belleza, Ruth, muito terna, e Luiz Gastão, vendados os olhos, muito triste, sentiam cantar-lhes nalma um flebil sussurrar de confissões reconditas...

RUTH :

Amanheceu tão lindo e vós estaes tão triste!
Si me torno importuna, eu vou...
— Luiz Gastão, sem nada dizer, impede-a de levantar-se. —
Comtudo existe
Um motivo qualquer, um qualquer dissabor,
Que vos rouba o sorriso, e vos enche de dor.
Ha mais de meia hora, estamos juntos, sós,
Sem que eu vos tenha ouvido, até agora, a voz.

LUIZ GASTÃO :

E não sabeis, Irman, que é triste como a treva
A pobre voz de quem saudades nalma leva,
E, que, ás vezes, o ouvir soffrer faz-nos soffrer?
Que vou eu conversar ou que vos vou dizer,
Que a dor, que calo nalma, em cada som trahida,
Não se prolongue, Irman, da minha á vossa vida?
E fôra peor; que os dois, as penas tendo, eguaes,
Em quem consolo achar o que as soffresse mais?

RUTH :

— para si, pensativa —
Bem pareceu-me a mim...
— em outro tom —
Como está lindo o dia!
Parece até que o sol, numa extranha alegria,
Beija a terra e febril e apaixonadamente,
Nesse beijo traduz o seu amor ardente.
Como deve ser bom um beijo quente assim!

LUIZ GASTÃO :

Irman, falaes de amor?

RUTH :

De amor?... Não! Para mim
Amor, como sabeis, é um pobre ideal vedado,
Em que é crime o se haver, um instante só, pensado...
— um silencio triste entre os dois;
Luiz Gastão continua pensativo.
Ruth fita-o muito ternamente —

LUIZ GASTÃO

Que dia é hoje, Irman?

RUTH :

Dez.

LUIZ GASTÃO

Já amastes, Irman?
— Ruth, surpresa, nada responde. Mas Luiz Gastão comprehende a inconveniencia da pergunta —
Mas... que pergunta a minha, inconveniente e van.
Perdoae-m'a, sim?... Não mais vol-a farei, garanto...

— e depois de um silencio —
E porque vos falar de amor quem soffre tanto?
Sois tão feliz, Irman. Porque vou eu, então,
Fazer sangrar tambem o vosso coração,
O vosso coração que vive aqui, num ninho,
A que do mundo atroz mal chega o murmurinho,
Porque lhe perturbar a venturosa crença,
Fazendo-o padecer de minha dor immensa?

RUTH

Oh! não, senhor, fallae...
E' tão bom escutar
Um coração que está, de amor, a palpitar!
A dor que vos maltrata, a dor que vos consome,
Não merece de dor, talvez, siquer o nome.
Que dirieis, então, si soubesseis que existe
Alguem que, amando, sóffre, e cujo amor consiste
Em amar em silencio, e em silencio adorar,
Em querer bem a alguem sem nada confessar,
Pois aquelle a quem ama — e ama perdidamente! —
Não deve conhecer o seu amor ardente!

LUIZ GASTÃO

Dizeis, Irman, que a dor que me punge e consome
Não é tão grande dor que lhe mereça o nome...
— nervoso, cada vez mais —
Ha um mez que aqui já estou. Na batalha ferido,
Fui a esta santa casa, um dia, recolhido.
Aqui, ao meu soffrer, jamais, quem quer que fosse,
Um consolo qualquer, piedosamente, trouxe.
E doe, doe tanto ver-se alguem abandonado,
Sem o amor de ninguem!
— Ruth fita-o tristemente, sem nada dizer.
Numa revolta, Luiz Gastão continua —
Nunca tive ao meu lado,
Nesse mez que passou, quem quer que aqui me viesse
O consolo trazer do amor que me trouxesse.
Ninguem, sempre ninguem!
— tremulo, põe-se de pé, tendo uma das mãos segura pela de Ruth —
E sinto ainda a pungir-me
Horrivel pesadelo!
Eu devo, sim, devo ir-me...

RUTH

Mas...

LUIZ GASTÃO

— num desespero, levando a mão, que está livre, aos olhos —
Não posso, é verdade. Um invalido sou!

RUTH

Alguns dias a mais e tudo já passou.
E podereis, então, sahir, ir-vos embora...
Ninguem vos ama aqui... Ninguem, até agora,
A migalha, siquer, de um carinho vos deu...

LUIZ GASTÃO

Perdoae-me ainda esta vez, Irman... O intento meu
Não foi maguar-vos, não... Mas vejo que o que disse
Sem que a minha intenção nem mesmo o presentisse,
Vos offendeu... Irman, perdoae-me ainda esta vez.
Tendes sido tão boa! E eu nem sei que vos fez
Quem mereceu de vós uma tão grande estima.
O vosso coração está, bem vejo, acima

Das coisas desta terra, e não podeis, portanto,
Consolar minha pena, enxugar o meu pranto.
Vós não sabeis que a dor de quem ama é immensa,
Não sabeis o que seja essa adoravel doença
Que nos destroe a vida e que a alma nos maltrata,
Que martyrisa tanto e que por fim nos mata!
Vosso amor é divino — amor de Deus, somente.
... E o meu... oh! como o meu amor é differente!
Eis ahi, boa Irman, o que é, afinal, a vida:
— Uma folha que tomba, uma illusão perdida,
Um sonho que nos foge á sede de ventura
Como a nuvem, do vento a fugir, pela altura!
Amamos, e de amor morremos. Si tentamos
Sarar, então, a nós, nós proprios nos matamos!
Esquecido um amor, morreremos de tedio,
De saudade e de dor!
Esquecer é remedio
Que mata e que não cura!

RUTH

Eu tambem sei... tambem!...

LUIZ GASTÃO

Mas vós quereis a Deus, Irman, e a mais ninguem!

— depois de algum silencio —

Quando rompeu a guerra, — isso já faz um anno —
Deixei na minha aldeia uma noivinha, e ufano,
E sedento de gloria eu fui para as fileiras.
E como fui feliz nas semanas primeiras!
Todo o dia uma carta, aberta com fervor,
Dizia-me de Helena o eterno e puro amor,
E jurava, de mil promessas sempre cheia,
Que ao regressar da guerra, em nossa alegre aldeia,
A' minha mão de esposo a sua mão unindo,
Iriamos os dois, vida a fóra, sorrindo
De um noivado sem fim á infinda primavera!
Nesse tempo feliz eu me julgava — e o era... —
Alguns mezes depois, porém, foram rareando
As cartas... E, no entanto, eu sempre a desculpando...
E' credulo quem ama — e eu amava demais.
O certo foi, porem, que nunca, nunca mais
Helena me escreveu..

RUTH

Talvez...

LUIZ GASTÃO

Oh, não, Irman,
Innutil é illudir-me, a tentativa é van.

— tirando do bolso uma carta —

Esta carta, que é sua, um mau presentimento
Me leva a adivinhar que traz o rompimento.

RUTH

Mas não a lestes, creio.

LUIZ GASTÃO

E tão pouco mandei
Que outros m'a lessem.
E' o rompimento, bem sei.
Para que conhecer os termos em que vem?

— um constrangido silencio —

Mas é fraqueza, e vou...

— vae entregar a carta a Ruth —

Oh, não! Não fica bem.
Uma carta de amor, Irman, não ousaria
Pedir-vos que...

RUTH

Não vejo o que nisso haveria
De mal, si o não podeis.

— Luiz Gastão, sem nada dizer, entrega a carta a Ruth, que a toma nas pequeninas mãos e a abre. E a lê, não ainda para Luiz Gastão. O seu rosto entristece, pouco a pouco

LUIZ GASTÃO

Eu sei, é o rompimento...

— num impulso —

Que diz, que diz, Irman?
E' bem triste o momento
E a commoção a mim me perdoareis, espero.

— tomando nas suas uma das mãos de Ruth, que, tremula, nada diz —

Mas vós tremeis, tremeis!
Irman, Irman, não quero!
Poupae-me a dor immensa...

— a carta é o rompimento. Ruth, porem, muito boa, para consolar Luiz Gastão, finge que lê —

RUTH

"Meu Luiz Gastão amado!
Que cada rosa linda e cada flor do prado
Te possam traduzir o amor que nalma sinto.
Que bem melhor estás, satisfeita presinto.
Espero a cada instante o teu regresso, amor.
Minha boca a tremer, e cheia de fervor,
Aguarda o beijo teu, o teu beijo que é vida!
E as minhas mãos, meu Luiz, esperam a guarida
Quente das tuas mãos, onde irei aquecel-as.
Vem depressa, Gastão, compadece-te dellas!
E como será bom quando, do teu juntinho,
Meu labio te disser, te repetir baixinho:
Meu amor! Meu amor! Eu te amo! Meu amor!

— commovido, até ás mãos de Ruth, Luiz Gastão approxima as suas mãos. Ruth, enlevada, não tem mais a carta deante dos olhos; esta fica entre as mãos de Luiz Gastão —

E tu serás feliz! E eu! E esta grande dor
Que soffremos os dois, durante a ausencia dura,
Esqueceremos, sim, felizes, na ventura
Do amor que a nos unir virá, mais forte, então.
E os nossos corações serão um coração
Cheio de amor e fé e repleto de beijos,
Um coração que vive anceiando de desejos
De amar e amado ser!"

LUIZ GASTÃO

— reparando que a carta está entre as suas mãos —

Mas lendo vós não estaes!

RUTH

— sem ouvir, continuando, commovida —

"E não me deixarás, meu amor, nunca mais!"

LUIZ GASTÃO

Muito obrigado, Irman, pela vossa intenção.

— amarrotando a carta, e atirando-a fóra —

Esta carta não diz o que vós lestes, não.
Sois para mim tão boa...

RUTH

Oh! diz, juro que o diz!
Enganar-vos, senhor, não sei, mas eu não quiz...

LUIZ GASTÃO

Ah, sim! Tão boa sois que, no auge da bondade,
Fazeis vossa, tambem, minha infelicidade.

— toma nas suas uma das mãos de Ruth —

Sim, é pena, só pena o que eu posso inspirar...

— emquanto a beija, commovido, dos olhos azues de Ruth uma lagrima tomba sobre os seus labios —

E esta lagrima, Irman, eu vol-a fiz chorar?...

RUTH

— pousando os labios nos cabellos de Luiz Gastão —

Luiz...

Luiz Gastão

Oh ! mas vós amaes... De outro que soffre mais
Só se commove á dor quem ama quanto amaes.

Ruth

Eu amo, sim,... a Deus...

Luiz Gastão

Alguma vez
O vosso coração possuido de embriaguez
— Dessa embriaguez de amor de creatura a creatura —
Sentistes, já ?

Ruth

Não ! Não ! Seria uma loucura !

Luiz Gastão

E o amor é loucura e vós decerto amastes.
E para que negar si vós, Irman, chorastes,
E soffrestes, tambem, ouvindo o meu soffrer ?
Esta lagrima, então, que cousa quer dizer ?
Bem sei, Irman, amaes.
O vosso coração
Pulsa febril, anceia, e treme de paixão !
Dizei, quem é que amaes ?

Ruth

Não...

Luiz Gastão

Sim...

Ruth

Sois...

Luiz Gastão

Sou...

Ruth

Vós...

Luiz Gastão

Eu !...

— um longo silencio —

Ruth

Não me julgueis. Perdoae. Emfim, o amor venceu.
Foi imprudencia, sei ...
Ja guardar não podia
Este segredo meu. A confissão subia
Até meus labios, como insopitavel chamma
Deste incendio — ai de mim ! — que o coração me inflamma.

Luiz Gastão

A mim ! amaes-me a mim ! E eu sinto, ao vos ouvir,
Como um raio de luz no coração cahir.
Sim ! Vejo agora. Ali, na vastidão sombria
Da cathedral que erguera ao meu amor, um dia,
Eis que um feixe de sol, claro, radiante, puro,
Desce de alta rosaça aberta nalgum muro
E, a esvoaçar pela nave o seu beijo doirado,
De subito illumina o nicho idolatrado
E me descobre, em vez da imagem que supponho,
A verdadeira deusa ignota do meu sonho,
Em cujo olhar, que brilha, em cuja voz, que canta,
Eu vejo, emfim, que sois, Senhora, a minha santa !

Ruth

Luiz...

(*Conclúe na pagina 25*)

Recebemos de Paris lindas novidades em:

Vestidos
Chapéos
Golas
Echarpes
Leques
Bolsas
Sombrinhas

Schädlich, Obert & Cia. - Rua Direita, 16-20

DIRECTORES:
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

PUBLICAÇÃO SEMANAL EM SÃO PAULO

ANNO I — 10 DE NOVEMBRO DE 1927 — N. 1

ELOGIO DA MOCIDADE

Dois velhos, quando se encontram no angulo de uma sala, empregam o tempo a dizer mal da mocidade de nossos dias.

Os velhos não podem comprehender os moços.

Em todos os tempos, sempre houve a mesma queixa ; dentro de um quarto de seculo, dirão os rapazes e as senhoritas de hoje, no "fumoir" de um transatlantico aereo :

— Meu Deus ! A mocidade está perdida !

A verdade é que todos os homens dão aos filhos a educação que desejariam ter recebido dos seus paes, sem se lembrarem de que as creanças viverão no dia seguinte. Nós tivemos de nossos paes a educação que elles julgavam melhor — para si. Hoje, em geral, procuramos dar a nossos filhos a educação que julgamos melhor — para nós. Perpetuamos um erro que vem do passado. Temos vivido com o atrazo de uma geração. Não raro, de duas gerações.

Somos a continuação dos avoengos mortos.

A educação de nossos filhos não deve ser a de hontem nem a de hoje, mas a de amanhan.

Recebemos uma educação de banguê para viver em "pullman"

Queremos impor uma educação de "sleeping-car" para uma geração que vae viajar de aeroplano.

Se os velhos fossem justos, conviriam que a humanidade nunca esteve tão bella, tão culta, tão sadia, tão honesta, tão espiritualizada pelos ideaes, como agora.

A arte populariza-se. O cinema, o radio e a imprensa espalham a todas as horas um pensamento e uma emoção, onde outrora nem o carro de bois chegava.

O aeroplano encurta as distancias e apaga as fronteiras nacionaes, como o trem de ferro e, depois, o automovel, fizeram desapparecer as lindas municipaes.

Hoje, já não se comprehende a luta entre duas cidades rivaes, na mesma nação.

Amanhan, não se comprehenderá dois paizes em briga, no mesmo planeta.

As raças se esbatem.

Os interesses se emmaranham.

O sentimento de solidariedade entre os homens realiza milagres. Todas as cidades têm os seus hospitaes e asylos.

A mulher, por sua vez, desabrocha para o sol.

O dia em que foi abolido o espartilho, devia andar nas folhinhas, como o da tomada da Bastilha.

Muitos ainda se lembram do tempo em que os pontos dos bondes ficavam cheios de ociosos, que desejavam lobrigar um pezinho alvo, entre folhos de seda.

Hoje, os mais lindos artelhos de nosso tempo illustram as ruas e ninguem tem o mau gosto de estacar para os apreciar melhor. A sua visão amavel perdeu o encanto do que é vedado.

Entre a displicencia de agora e a bisbilhotice de hontem, os moralistas mais conspicuos não teem o direito de hesitar.

E os cabellos curtos?

A vida intensa de nossos dias, os horarios justos, já não permittem os penteados Maria Antonietta, ou os "hennins" da Edade Media. Os autos e os bondes já não consentem as "crinolines". No mundo material e no intellectual, regressa-se a uma simplicidade intelligente, nova, dolorosamente alcançada após millenios de escuros preconceitos.

Estamos na era do equilibrio.

Bemdita a guerra que prendeu, durante tanto tempo, fora dos lares os que deviam escravizar os filhos e impor-lhes os sapatinhos de ferro do passado. Foi a mocidade, livre, solta, espontanea, que fez tudo isto. E ninguem, felizmente, a subjugará mais.

Nós só lhe podemos pedir uma coisa : seu affecto.

E nossos filhos, que são melhores do que nós outros, não nol-o hão de negar.

Affonso Schmidt

MASCARA DE COLOMBINA

AS RUAS ESCURAS DE SÃO PAULO

A' noite, quando o céo começa a se abrir numa porção de estrellas, e o borborinho da cidade vae diminuindo, pouco a pouco, é que principia para muita gente o lado bom da vida que se vive nesta grande e maravilhosa capital de São Paulo.

Se fez sol durante o dia, o triangulo esteve encantador : rescendendo a Guerlain e a Caron, centenas de figurinhas esbeltas, mettidas em toilletes finas, passearam despreoccupadamente e repetidas vezes pelas calçadas das ruas Quinze, Direita e São Bento.

Umas entraram, depois, nas casas de chá ou nas confeitarias, onde, mordendo de leve uma torrada, ou sorvendo, devagarinho, uma chicara de mate, viram e deixaram-se ver e commentaram... Outras foram aos cinemas, e algumas, rescendendo a Guerlain e a Caron, mettidas em toilettes finas, continuaram ainda a passear despreoccupadamente e repetidas vezes pelas calçadas das ruas Quinze, Direita e São Bento.

Mas, ao lado dessas, outras havia sem chapeo e sem perfumes, e que embora não fizesse sol — enfeites simples da nossa cidade — andariam do mesmo modo pelo triangulo e por todos os bairros, caminhando sempre num passinho apressado, sem se deterem nunca em frente a mostruarios e sem entrarem nunca em casas de chá ou em cinemas.

Para essas, o trabalho começa quando a cidade está ainda toda vestida de neblina, e termina apenas quando as primeiras estrellas se dependuram no ceo.

Ahi, principia tambem para ellas o lado bom da vida. Esquecem-se do cansaço que lhes doe no corpo. Esquecem-se até de que no dia seguinte a tarefa continuará egual á do dia que findou. Sentem a vida esplendida. Olham o ceo e, se está estrellado, acham-no lindo, e, se não carrega elle uma unica estrella, acham que é muito mais bonita a noite sem estrellas.

Ficam tristes, somente, quando chove. E, então, por detraz da vidraça, ficam espiando, espiando, os olhões grandes escancaradamente abertos, o rapaz que passeia na calçada, e que vae e vem, e que vem e vae, e que por causa da chuva impertinente não puderam encontrar na rua proxima e escura.

Oh ! a poesia das ruas escuras de São Paulo !

De trinta em trinta metros, um lampeão perdido, cuja luz foruxa de gaz serve, apenas, para distração de mariposas, que, nas noites quentes de verão, lhe borboleteiam em volta. Muros compridos de ambos os lados, e dezenas de arvores pequeninas e frondosas que, ás vezes, desabrocham em flor. Silenciosas sempre, dellas se esqueceu o progresso que as não recortou com linhas de bonde. Os automoveis, mesmo, raramente lhes perturbam a quietude suave, interrompida, apenas, de quando em quando, pelas cantigas do vento, que nos galhos balança as folhas verdes.

E nellas, casaezinhos felizes, que arrulham cada noite e que se repetem e se juram juras ardentes de amor e de fidelidade.

Sob a luz da lua ou á luz das estrellas contam, um a um, os dias que faltam para o grande dia. Elle diz-lhe a ella que a vida melhora, que o seu salario subiu, e ella confessa-lhe, então, num doce encantamento, que as velas accesas para Santo Antonio já estão produzindo o seu effeito.

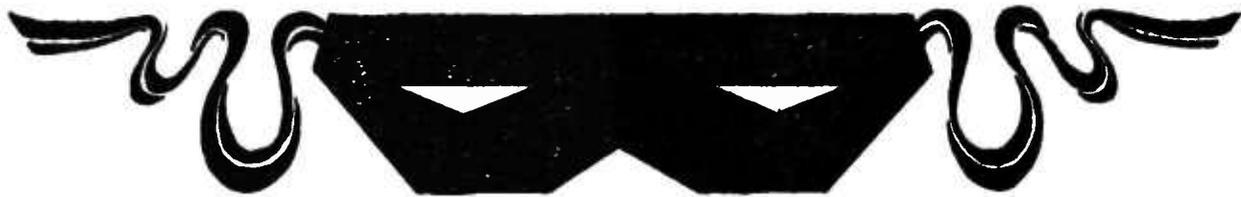
De repente, ao longe, apparecem abertos os pharóes de um automovel. E mãos dadas, braços dados, mais agarradinhos, os dois se escondem atraz de um tronco, ou se agacham, encolhidos, junto ao muro, envergonhados, com medo de que a gente rica possa adivinhar o sonho que estão sonhando e se ria delles.

E o automovel que passa, e a felicidade que continua...

Oh ! o mysterio das ruas escuras de São Paulo e o romantismo dos seus namorados. !

Contra elles, esbravejam os moralistas e providencía a policia de costumes.

Mas nada conseguirão contra elles os moralistas nem a policia de costumes. Nada. Elles proprios se defenderão. Se os enxotarem dalli ou illuminarem a rua, elles saberão encontrar outro nicho, onde a luz indiscreta dos lampeões não prejudique a suave verdade do poeta : "...on voit mieux les yeux, quand on voit moins les choses..."

MAURICIO

DA ME LA MANO — de Gabriella Mistral —

Da me la mano, y danzaremos,
da me la mano, y me amarás.
Como una espiga ondularemos,
como una espiga — y nada más.

El mismo verso cantaremos,
al mismo paso bailarás.
Como una sola flor seremos,
Como una sola flor — y nada más.

Te llamas Rosa; yo, Esperanza.
Pero tu nombre olvidarás,
porque seremos como una danza
en la colina — y nada más.

RESIGNAÇÃO

Eu não te quero mal. Tirando-me a esperança,
Talvez sem o querer, tu foste muito boa:
— um amor sem desejo é um amor que não cança...
No meu olhar ha um gesto bom que te abençóa.

Do meu olhar estão rolando gottas suaves:
— um rosario feliz que o meu olhar desfia...
E' a lagrima, em nós, como o canto nas aves :
ellas cantam de dor e cantam de alegria.

Eu não te quero mal. Só bem tu me fizeste.
Estou quasi feliz, quasi que estou risonho.
Bemdita sejas tu porque não me quizeste,
Bemdita sejas tu que mataste o meu sonho....

MERCADO JUNIOR

Sra. Renata Crespi da Silva Prado

Dois aspectos da grande festa do dia 5 nos salões do Trianon.

São Paulo sabe muito o que é uma festa nos salões do Trianon, quando tem a organisal-a a sua mais fina e elegante sociedade.

E' então que se apresenta o momento de verificar quanta bondade existe no coração de nossas conterraneas e que os nossos olhos se espraiam á vontade na contemplação de plasticas soberbas, inconfundiveis.

Rememoremos, num instante, o que foi o sarau dansante da noite de sabbado passado, em beneficio da Maternidade de São Paulo e organisado pelas exmas. sras. Renata C. da Silva Prado, Alzira Assumpção, Mequinha S. Coimbra, Antonieta P. da Silva Prado, Donana F. Alves Lima, Gertrudes B. Souza Queiroz, Elvira P. M. Cardoso, Elisa R. Puech, Elisa S. Pontual, Helena S. Souza Queiroz, Ilse R. Whately, Lucia Carvalho, Maria A. Amaral e Odila Pujol.

9 HORAS — Lá fóra, sobre o asphalto da avenida, estão centenas de automoveis, perfilados como recrutas, juntinhos como namorados em noites de inverno.

Faz calor e o céo está apinhado de estrellas.

Dentro no salão ha milhares de sapatinhos de lamé.

O jazz-band faz um barulho dos diabos: "Olá, señorita" — toda a gente sente uma vontade doida de dansar.

11 HORAS — Cresceu a animação, multiplicaram-se por cem os sapatinhos de lamé, ha mais demonios no jazz-band.

Escuto, meio perdido no barulho ambiente, este dialogo:

— "Cheguei ha dias do Rio."

— "E elle?"

— "Convidou-me para vir hoje ao baile. Até agora, entanto, não dansou commigo."

— "E como você explica isso?"

— "Paixão. Nos olhos delle já reparei trez ou quatro vezes um desejo estranho..."

— "E então?..."

— "Outro dia deixou-me em cima do balcão da Casa Lebre um bilhete: Telephone-me para ... Como era natural, rasguei o bilhete na cara delle. Com certeza é esse o motivo por que nem siquer me dirigiu a palavra. Mas é doidinho por mim!"

A orchestra começou a tocar languida e sabiamente "Se acabaron los otarios..."

Amanhan, com certeza, a carioquinha que, alias, é linda e graciosa como todas as cariocas, e é loira, irá, novamente, fazer compras naquelle mesmo estabelecimento...

MEIA NOITE — A alma "creoja" de Buenos-Aires não vibra mais do que a das mulheres bonitas da nossa terra quando dansam ou escutam os rythmos traiçoeiros e incertos de um tango argentino.

Todos os salões regorgitam de gente.

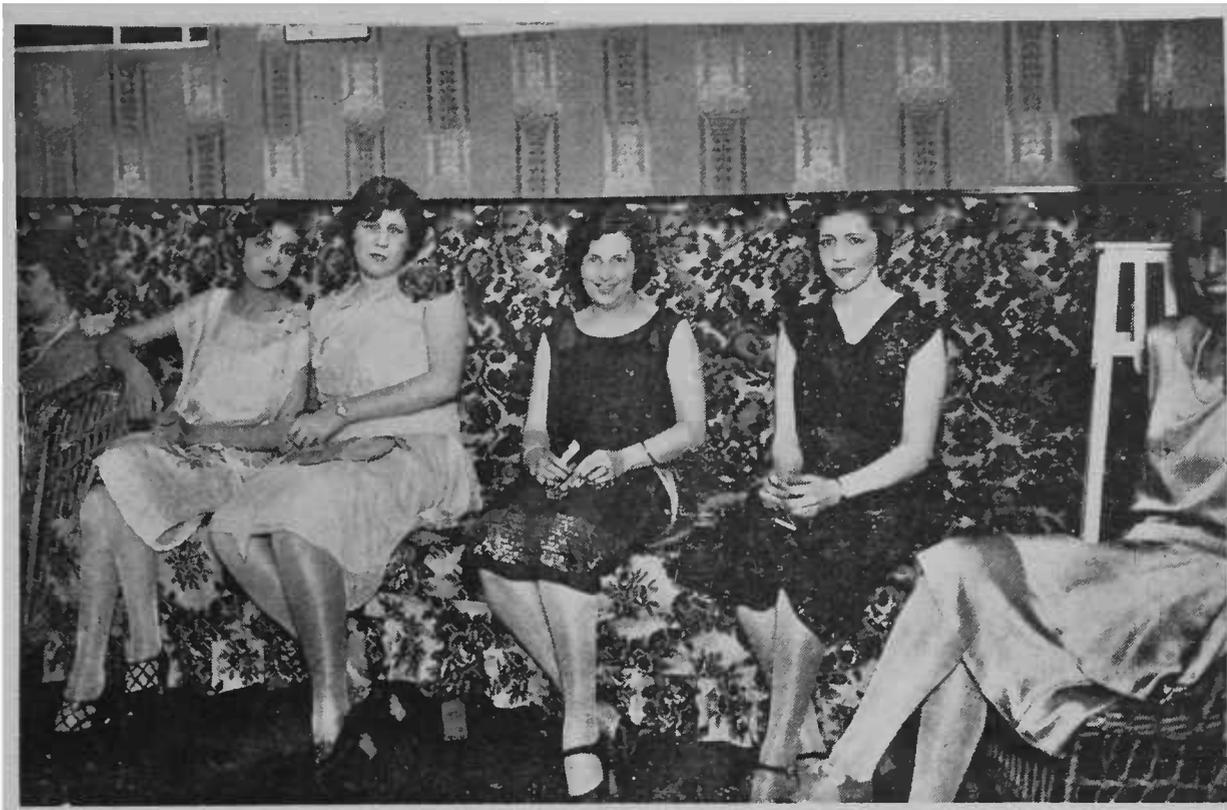
No terraço, todo coberto de lona, cheio de lanterninhas japonezas e de luzes vermelhas, ha estrondos de champanha e sorrisos côr de rosa.

Passa por mim a sra. M. C. Está toda de preto e lindissima. Ella não me conhece, mas vendo-a tão bonita assim, fito-a como dominado. E ella, a soberana, nem repara que todos lhe reparam o predominio daquelle desafio de belleza, que é o proprio despotismo feito mulher. Os homens, quando ella passa, deliquescem, emquanto as mulheres, namorando-lhe os contornos, têm a impressão de que estão sendo esmagadas pelo esplendor de uma rainha rara.

Pura illusão. No Trianon havia um punhado de rainhas. E eu me puz a pensar, deante do magnetismo que aquelle vulto negro espalhava em torno de todos nós, que o preto, para ser sempre um delirio sublime, devia ser de uso privativo das mulheres bellas, somente dellas.

Fui dos ultimos a sair. Os automoveis rumavam para todos os cantos da "urbs". E vi então, como um oceano multicor de agasalhos carissimos, sumirem-se um a um todos aquelles perfis maravilhosos.

Eram trez horas da manhan.

ARLEQUIM

Aspecto do sarau dançante do São Paulo Tennis, no mez de Outubro Dia 29

São Paulo Tennis — Sabbado, 29 de Outubro. Luzes de lampadas, de sorrisos e de olhares. Sons de jazz-band, sons de vozes, sons de risos, som do acompanhamento que no chão, todo encerado, os sapatos vão tocando, numa eurythmia longa e lenta e langue e preguiçosa, nos tangos argentinos; toda feita de passinhos meudinhos velozes e gracis, nos maxixes acaboclados; doida, cheia de gestos desconjuntados, esperneantes, africanos, traduzidos para o inglez, nos charlestons e black-bottons.

— "Como vae você, minha amiga?"

— "Admira-se de eu ter vindo, não é? Não, não sou socio. Estou aqui, unicamente, para ver e criticar"

— ?

— "Para ver, sim. E você vae me auxiliar nessa tarefa, não vae?"

auxiliar nessa tarefa, não vae?"

E a minha amiga poz-se á minha disposição. E começou a me falar assim:

"Vê essa morena de crépe verde-folha morta? E' Flavia Souza Pereira. Está dansando muito com aquelle raapz de casaca.

"Lindinha essa de crépe georgette creme, jabote, barra de renda, não acha? E' Esther Vianna. O rapaz é o Sá Filho.

"Olhe Judithinha Campos. Branco, preto e branco: vestido de tafetá preto congorla e barra de renda branca. Lindo par, não? Elle é... (o jazz-band fez muito barulho).

"Ahi vem Renato de Toledo, aprendendo o black botton com aquella professorinha, pequenina e linda. Não sei o nome della. Chame-a de "Carioquinha".

"Conhece aquella de azul natier todo empoeirado de missangas? E' Yolanda, filha do grande Amadeu Amaral.

"Veja essa de vestido branco com barra de missanga. E' Izaura Ramos. Repare no seu sorriso, que está fazendo mal áquelle rapaz alto.

"Escreva agora o nome de Francisquinha Campos. Está toda vestida de uma brancura macia de velludo, seda e arminho. Sabe que ella faz versos? Não sabe? Pois faz, e interessantissimos.

— "Minha amiga. Falemos, agora, de você."

— "Vae escrever sobre mim, tambem? E' melhor, não. Silencie o meu nome. Já critiquei tanta gente...

— "Não, não revelarei o seu nome. Direi... que deante de você a gente pensa: ella é mais linda do que encantadora, ou mais encantadora do que linda?

— "Quando é que você deixará de ser galanteador?"

— "Quando você acreditar no que eu digo... Direi mais, que você estava com um vestido lindo de crépe georgette branco, todo plissado, barreado de preto, que você estava: "como um poema fechado num enveloppe de luto"...

— "Que idéa funebre!"

— "Funebre nada. Olhe, esses versos..."

E começámos a discutir, e era uma vez a critica da festa do São Paulo Tennis.

Outro aspecto daquella encantadora festa

No elegante chá da Casa Mappin.

Depois da missa das onze, em São Bento.

A' hora do chá - Dia 5. Sexta feira. Pela primeira vez, durante a semana, a cidade acordou cheia de sol, sem ameaça, ao menos, de garôa ou neblina.

Quatro horas da tarde. Ha, no triangulo, uma porção de mulheres bonitas, uma infinidade de mulheres elegantes. Na praça do Patriarcha, cruzam-se automoveis luxuosos, que obedecem machinalmente as ordens dos "grillos", encarapitados em cima dos cavallos.

Espio, espichando os olhos, uma menina esguia que apparece de repente junto de mim: é loura, e está toda de preto; é noiva e é por isso que ella anda, agora, tão distrahida assim, pela cidade, sem ver a gente.

Passa, depois, ao meu lado, de olhos rasgados e cheios de saudade, a senhorita R.

Fez a ultima estação em Santos; banhou-se, nas manhans de sol no mar das praias compridas e brancas; e, á noite, nos salões encantados, dansou muito. Mas, a estação acabou, e ella voltou para nós com os olhos mais rasgados e mais tristes

Continua a ronda. Agora, é a sra. M. Os annos passam e ella vae ficando cada vez mais bella. Os ultimos versos de um dos nossos poetas têm sido feitos todos para ella, que os ouve, com um sorriso sempre, mas sem dar nunca ao rapaz uma esperança. Elle, porem, continua. O tempo é o melhor cumplice e a mais eloquente prova.

Vêem, em seguida, pela rua de São Bento

Mas, são tantas as mulheres que passam por mim, bem perto de mim, que eu não tenho tempo senão para, deixando-as ir, dizer a cada uma com o olhar o que lhes confessaria com palavras, se ellas me conhecessem, se eu as conhecesse.

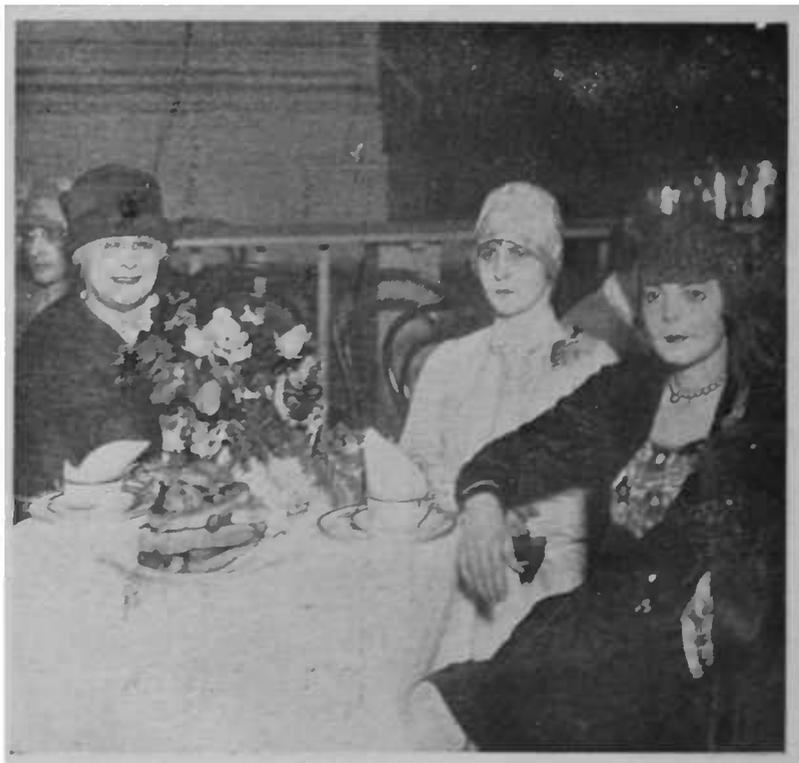
O dia vae indo embora. Vae de leve descendo em cima da terra a toalha negra da noite. As primeiras estrellas pontilham o ceo. As suas ultimas irmans abandonam a cidade

Paro, ainda, para espiar a sra. R., que trepa, elegantemente, na sua Lincoln que a esperava ha horas como um namorado romantico.

Mas, não póde ficar parado.

Porque é que ha "grillos" na vida?

"Olá, señorita!..."

No dia da imprensa, na Exposição do Centenario do Café

M A R A B A X O

(Dansa de negro)

Marabaxo da toada triste....
Negro velho dansa, no rancho,
Pisando com a perna pesada no chão pegajoso.

Bum, Qui-ti-bum, Qui-ti-bum, Bum-bum.

Ao refrão de syllabas lugubres,
Acordam-se, no alarido do sangue, reminiscencias da mãe-terra longinqua

— Ai yayá, cumé teu nome ?
Meu sinhô não tenho nome;
Me chamo chita riscado
Camisa daquelle home

Bum, Qui-ti-bum, Qui-ti-bum, Bum-bum.

Numa preguiça lasciva, as femeas, de carne sedosa, em ronda,
Rengueiam, bambas, num balanço lento

Misturam-se vozes soturnas.
Com a surra do tambor, que se queixa em vão.
(Elle não quer dizer um segredo que elle sabe)
Diz que *não*. Diz que *não*. Que não diz e diz que *não*.

Lá fóra, cuchilando junto dos ranchos,
Acordam-se os coqueiros ao halito da madrugada.

Bum, Qui-ti-bum, Qui-ti-bum, Bum-bum.

RAUL BOPP

ALEGRIA DE VIVER

(fins de dialogos)

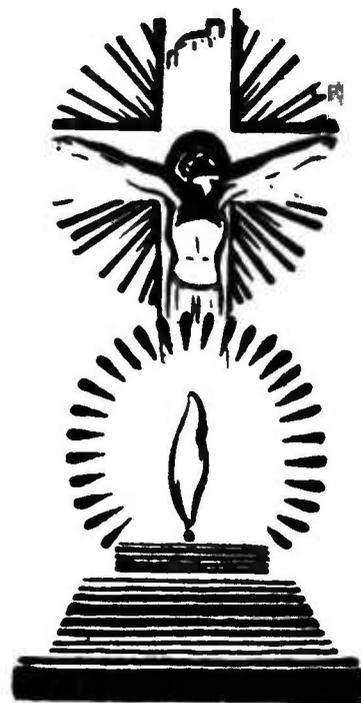
I

Deus supremo

— Onde iriamos parar si todos os homens se convencessem da inexistencia de Deus, aspiração suprema, esperança e consolo da humanidade?

— Iriamos parar á substituição de uma formula por outra, porque o que nos faz viver não é muito Deus. E' alguma coisa mais forte: o instincto da vida. Deus é apenas a justificação covarde desse instincto.

— Então, quando pela extremada velhice da cultura da especie, um dia vier em que todos comprehendam a inutilidade de soffrer, haverá, por certo, a ardente aspiração ao lento desapparecer desta raça infeliz. E o globo será, outra vez, após tantos millenios, o paraiso terrestre, mas limpo e immunizado da estirpe de seus reis.

— Esse é o erro de Schopenhaueur. A lenta desapparição do homem, o seu anniquilamento pela não procreação, é ainda o instincto da vida jogando dialectica com a morte. Ou o homem desapparece de chofre, num suicidio heroico e collectivo ou não desapparecerá nunca. Si protellar a data de sua destruição, Deus voltará. Deus voltará por que elle permanece no fundo de nossas ansias, esgueira-se, zombeteiro e escarninho, nas malhas da aposta celebre de Pascal. Deus voltará, porque Deus é o terceiro termo, complementar e insubstituivel, nesse circulo vicioso que é a justificação da vida...

II

Eterno amor

— Mas, em reduzindo a vida a mero e simples instincto, tu a despes de todos os encantos e a encaras com o mesmo frio e desdenhoso sorriso de um velho coveiro. Insufla-nos o asco. Incute-nos o nojo.

— Nada disso. Vejo-a apenas com olhos cansados de illusão. A illusão é pesada venda que obsta assistamos calmos, serenos, olympicamente serenos, ao espectaculo social... Enfeita-a, mascara-a, engana-a. E a vida é apenas como um espelho de loja que reflecte momentaneamente os que passam.

— E o amor? Queres negal-o? Negas-lhe a exaltação, a transfiguração?

— Não nego, ia até relembrar-t'o. O amor.

Argilla humana, ias vegetando mestamente, descontente da vida e de seu tedio. Talvez com um pouco de repugnancia por esta podridão inalienavel que arrastamos e de que não nos podemos libertar.

De subito, a alegria maxima de viver, a explosão dos sentires, o fremito da seiva a estuar e a latejar. Esflorou-te o perfume de uma rosa, banhou-te na sua aura, sentiste-lhe a suavidade, a fragrancia, a frescura. E ficaste a adoral-a emquanto o perfume durou.

Depois, o tedio outra vez, mais negro, mais perfido; viscoso e repellente. Tinhas provado a suprema amargura : a saciedade e a nausea daquillo que quizeste, daquillo que adoraste intensamente, vehementemente, perdidamente. E tu lastimas-te ! E tu revoltas-te ! Meu pobre tonto... Ignoravas a sequencia logica e fatal dos actos da natura. E não comprehendes, não podes comprehender.

E era tão simples : o ouropel da vida a cumprir a sua triste obrigação de desbotar.

III

A sombra do ridiculo

— Declaraste a bancarrota da vida. O instincto superior ao amor, a fome cavalgando o ideal. Que nos dás em troco, a nós pobres homens torturados do sonho? Apenas o direito ao suicidio?

— Não, meu amigo. O suicidio seria a razão tripudiando sobre a carne, a logica impondo regras á alegria de viver. E a alegria de viver é um mal congenito e irreparavel. Aos sonhadores fica apenas o doloroso espectaculo da degradação do ideal.

Conhecel-a essa tortura das almas bem formadas?

Aos poucos, vicissitudes varias, contingencias imprevistas, obrigam-te a amputar-lhe algumas de suas partes, daquellas, primeiro, que si não representam o foco principal de teu sonho, são comtudo indispensaveis ao plano esthetico que delle havias pretraçado.

Transiges a primeira vez, amarguradamente. Custa tanto o inicio da desillusão. Depois, a segunda, depois, a terceira, depois, um crescendo de vezes em que a dor e a angustia se exasperam e se exarcebam. Depois, a capacidade de soffrer se esgota, a dor amortece e nasce a resignação, que, no derradeiro consolo das palavras que pagam o espirito, chamas de mestra da experiencia. Olhas, então, o que sobrou do teu grande sonho. E' bem pouca coisa, morta e fria... A mocidade radiosa passou e, com ella, a força que constróe os sonhos e os ideaes.

E então, num appello supremo, que resume toda a nossa impotencia, inebrias-te de Saudade.

A Saudade é a sombra do ridiculo rondando a vida.

— A sombra do ridiculo ?

Nunca reparaste, á noite, passeando em rua deserta e silenciosa, illuminada a bicos de gaz, fazerem-se, repentinamente, no ar, grandes hiatos de sombras, moveis e bruscas? Paras, examinas e parece-te algum subito e imprevisto movimento do ceu. E não é nada disso. Mesquinho besouro, na sua dansa vertiginosa á roda da luz, faz eclipses enormes com seu corpo minusculo.

O homem é assim. Não o vês, pelas ruas, nas horas de canicula, cansado, enervado, a fazer tregeitos, que o alliviem do incommodo do sol que não pode evitar? E nas paredes das casas, ironica, implacavel, perversa, a propria sombra o segue ou o precede, dansa-lhe na frente, saracoteia-lhe dos lados, imita-lhe os gestos, caricatura-lhe as attitudes, teimosa, absurda, grotesca como a necessidade de viver.

A vida é aquella sombra e aquelle homem. Não é só o espelho de loja que reflecte momentaneamente os que passam. E' peor: é um espelho convexo. Reflecte e deforma como um lapis.

SUD MENNUCCI

para VOCÊ

Você precisava ter somente quinze annos;
eu devia ter apenas vinte e um:
então, eu diria a você as palavras mais suaves e mais quentes;
as phrases mais harmoniosas e mais enleiantes deste mundo.

Eu sussurraria a você que esses olhos azues, esses pequenos olhos azues, eram grandes de mais, em doçura e em seducção, para se conterem no espaço.

O espaço, perante esses olhos azues, seria uma gota de agua, uma pequenina gota de agua perdida no Atlantico.

Eu contaria a você, na penumbra de uma tepida, doce e terna solidão — uma solidão toda nossa, toda nossa — que o meu Futuro estaria sempre na doidice escaldante dos beijos de você.

Os beijos de você são a um tempo balsamos e excitamentos.

Eu diria a você que o meu Passado, que tantas mulheres illustraram — umas submissas, outras despoticas — só foi deveras maravilhoso pela intuição que eu tinha de aguardar, em amavel socego, o Presente, em que você me esperava para tornar-me o dono de todas as felicidades da terra.

Eu repetiria a você que o meu Presente nunca fôra imaginado nem poderia jámais ser presentido por nenhum outro homem, a não ser por este homem que cultua você...

Eu diria ainda a' você, muito baixinho, uma porção de coisas lindas.
psalmos.

Nossas horas seriam mais encantadoras e mais fortes, se eu tivesse vinte e um annos.
se você tivesse quinze annos.
Ah!...
Mas eu tenho trinta e um annos, minha senhora!

Já agora, a senhora me perdoará que eu tenha usado tambem nestas notas o tratamento affectuoso, posto que sóbrio, de você.
A senhora.

Ainda que a senhora tivesse apenas quinze annos e eu apenas vinte e um, o servo da sua belleza e da sua alma não gostaria, minha senhora, de tratal-a por TÚ, senão por você.
O servo gosta tanto de você...

Ha um poema intensamente sonoro nas quatro letras de você:
este chapéuzinho, que abriga a ultima letra da palavra magnetica, é um firmamento, é todo um mundo que envolve de luz e de brandura esse poema de dois sons.

Falando mais a sério, você não envelheceu:
eu é que envelheci.
Mas não envelheci por causa de você.
Para mim, você continúa a ter apenas quinze annos.

Quando vejo uma bella rosa, uma rosa muito macia e muito vermelha, lembro-me logo da boca de você.

E' por isso que me não contento em aspirar o perfume das rosas vermelhas: beijo-as.

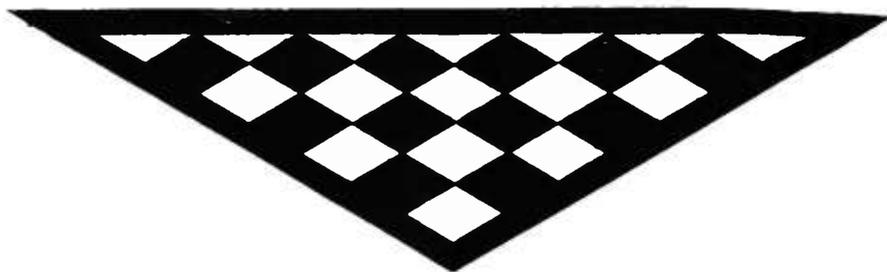
Beijo todas as rosas vermelhas que encontro no caminho da minha vida.

Beijo-as longamente. longamente. porque ellas me suggerem a boca de você.

As outras mulheres bonitas não me são indifferentes:
admiro-as, talvez a algumas até ame, ainda hoje, a despeito da minha velhice:
mas nenhuma dellas traz nos olhos azul igual ao azul dos olhos de você.
Dois sóes azues—eis o que são os olhos de você...
Porque você.

Ha muita gente que pensa que o rubi é a pedra preciosa que prefiro adorar — porque a mais seductora;
não sabe aquella gente que eu me detenho a olhar o rubi porque elle me faz lembrar a boca de você...
Beijo o rubi no desespero de não estar beijando a boca de você.

Ha fartura de mulheres formosas em torno de mim:
no entanto, sinto que sou um mendigo ao pé de todas ellas:
é que me falta você... é que me falta você.
Ah!...
Quero socegar meu coração:
preciso muito de você.

GALVÃO CERQUINHO

"BOHEMIA", uma pagina de paixão romantica

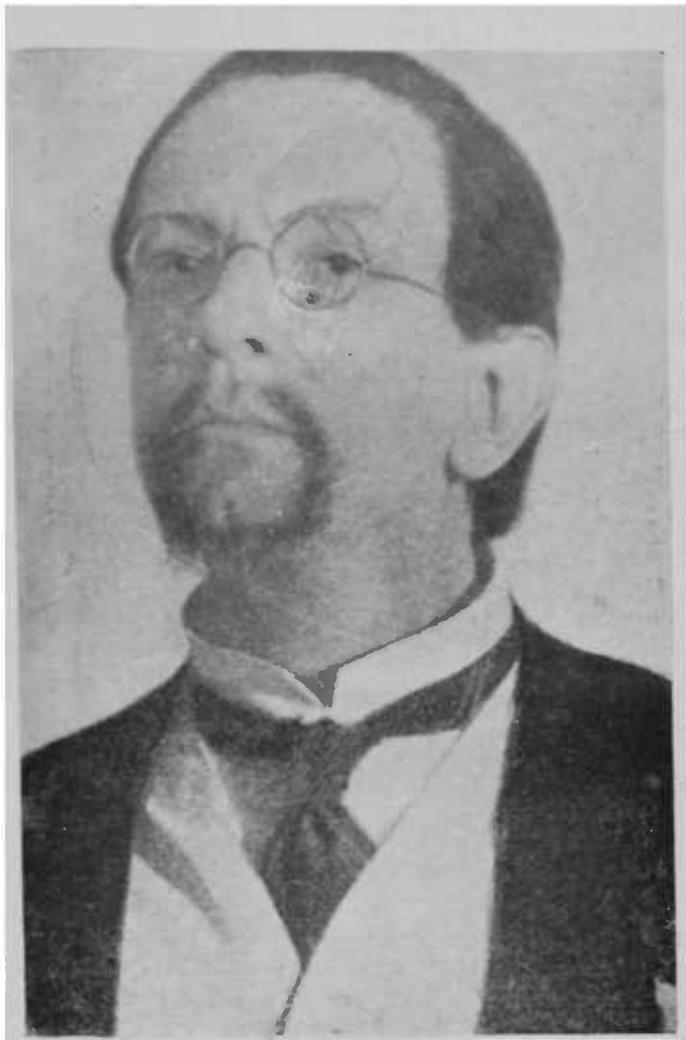
Estamos num periodo de celebração de centenarios.

Festejam-se centenarios de nascimentos e de mortes, recordam-se factos e epocas notaveis de ha cem annos. Os deuses humanos da arte, da litteratura, da sciencia têm o seu dia official de recordação, dia que ás vezes se estende a uma semana. E numa reportagem irreverentemente retrospectiva, exhumam-se casos, esclarecem-se mysterios, interpretam-se duvidas. São retratos, são cartas, são anecdotas e descripções que circulam na letra redonda ou nas ondas hertzianas, dizendo que A foi assim, que B procedeu deste modo, que em tal epoca a vida em tal parte era daquelle geito, etc. etc.

Fala-se muito, agora, na celebração do centenario do romantismo. E' que 1830, está ahi, o anno magno do grande movimento reformador que Zola definiu como um motim de rhetoricos. Ha, até um certo preparo nesse sentido, extendendo-se mesmo até o Brasil, onde os nossos romanticos appareceram escrevendo com uns bons quinze a vinte annos de atrazo sobre os da Europa.

Tal celebração, porém parece-nos de todo desnecessaria. Estas solennidades fazem-se, em geral, para recordar o que já se olvidou, ou o que a gente corre risco de esquecer. Mas quem, no Brasil, terá esquecido, poderá deslembrar-se do romantismo? Somos, por indole e por ambiente, uns romanticos incuraveis,. A despeito, embora, das nossas displicencias de scepticos, dorme em cada um de nós, mais ou menos escondida, mas á espreita do minimo pretexto para viver e vibrar, a alma apaixonada de um imaginativo que se illude. E o que é o romantico senão um ente que não

(Conclúe na pagina 20)

"Rodolpho" e "Mimi", no periodo da "Bohemia" em que tudo lhes era ainda côr de rosa.

Acima : Leopoldo Fróes em «O Sapo e a Estrella».

Acima : Fróes em «As vinhas do Senhor».

Abaixo : Fróes em «O Genro de muitas sogras».

Leopoldo Fróes, após uma ausencia interminavel — quasi dois annos ! — está de novo em S. Paulo.

Quem haverá, entre nós, que se não lembre das suas bellas criações estheticas ? Algumas parecem-nos, positivamente, motivos de ufania, não apenas para o grande artista, mas para o Brasil inteiro. Acima de todas, a sua incarnação do "Coronel Fortuna", o typo vivo, perfeito, que o espirito atilado de Coelho Netto escalpellou no "Quebranto" é, sem duvida, magistral. O seu "Mascarado" a figura torturada a que Paulo Gonçalves soube transmittir toda a doçura resignada de sua alma bôa de poeta sentimental, nos tres actos carnavalescos, amargos e doridos das "Mulheres não querem Almas", é egualmente perfeita. Não nos parece menos apurado o trabalho de Fróes em outras obras de arte, como no "Petit - Café", no "Admiravel Crighton" e em muitas mais do theatro dramatico internacional.

Quizemos, porem, referir-nos, particularmente, a dois dos seus mais significativos papeis, porque nelles o artista tem o ensejo de valorisar, de uma forma superior, inconfundivel, duas producções nacionaes, cujos merecimentos, embora focalisando periodos theatraes accentuadamente diversos, desafiam quaesquer confrontos. Não será demais insistir neste ponto, mas, para tal, não nos faltará opportunidade. Hoje, não. Hoje, vamos apenas apontar meia duzia de consequencias, que suppomos lobrigar na actual visita de Fróes a S. Paulo.

*

Nesse capitulo de consequencias, que são varias, os casos são dois. Ha consequencias boas e más.

As boas :

1) já se pode ir ao theatro, mesmo sem ser polyglotta :

Acima : Fróes em «As mulheres não querem almas».

Acima : Fróes em «O Gigolô».

Abaixo : Fróes em «O Quebranto».

2) podem-se agora apreciar, atravez da interpretação do querido artista, algumas comedias francezas gostosissimas, nas magnificas versões brasileiras de João Luso :

3) pode-se assistir, sem perigo, á representação de umas poucas peças nacionaes, escolhidas dentre as melhores que têm apparecido, sem restricções de tempo, nem de espaço ;

4) pode-se ter a segurança, indo ao theatro, de que se não vae presenciar nenhum espectaculo vexatorio ;

5) os casos de dyspnéa e as intoxicações hepathicas, durante a temporada, vão diminuir, entre os habitantes da capital, o que não será, por certo, muito do agrado dos nossos amigos medicos ; mas, em compensação,

6) afinal, haverá mais uma epidemia irrefreavel de justa admiração por Fróes, alastrando-se, sob varias fórmas, pelo sexo feminino, e infiltrando-se, depois, naturalmente, pelo outro.

Puro Freud, como se vê.

Se alguem, não satisfeito ainda, quizer indagar agora quaes as consequencias más da presente estação theatral, seremos então obrigados a confessar, embora contrafeitos, que ellas não existem e que apenas nos serviram, no começo destas linhas, para vir espichando o narizinho da linda leitora, farta de bondades, mas espevitada pela idéa do mal (mesmo imaginario), até este ponto final.

VICENTE ANCONA

NOTA : Desejavamos dizer algumas palavras sobre o illustre companheiro do actor patricio na actual excursão: o eminente comediante portuguez Chaby Pinheiro. Não o fazemos, hoje, por absoluta falta de espaço. Se alguem tiver duvidas a respeito da desculpa, vá ver-lhe o tamanho. Depois conversaremos. — V. A.

O bello e pungente final da "Bohemia", na versão que a Metro-Goldwin-Mayer apresenta.

quer nem póde acceitar a vida como ella é, mas que busca desdobral-a e enriquecel-a, fazendo-a maior, tornando-a melhor? A propria amargura, que ás vezes demonstramos, tem seu motivo em que estamos constantemente feridos, na nossa apurada sensibilidade, pela differença, ás vezes opposição, entre a vida real e a vida imaginaria na qual queremos viver, para fugir da mesmice quotidiana, que nos desagrada.

Somos todos, na verdade, uns grandes e incuraveis romanticos. E' sempre com emoção da mais sincera, disfarçada embora, para attender ás exigencias de sobriedade da epoca actual, que acompanhamos, por exemplo, a historia pungente dos amores de Rodolpho e Mimi, os heroes da "Bohemia", seja no livro, seja no theatro, seja na tela. Apenas uma concessão fazemos ao espirito dos nossos tempos. Preferimos que a interpretação artistica dos amores do poeta e da costureira seja no silencio eloquente das sombras e das luzes, a gosal-a nas palavras e phrases do romance e nos arroubos da musica.

Dahi o interesse apaixonado com que o nosso publico espera, para dentro de muito poucos dias, uma nova versão da "Bohemia", apresentada por essas prestigiosa empresa que é a Metro-Goldwin-Mayer. John Gilbert será "Rodolpho" emquanto Lilian Gish fará a delicada "Mimi". E como a interpretação tenha sido movida pelo mesmo director de scena que fez "The Big Parade", mais nada é preciso dizer sobre o merito dessa esplendida producção, que dentro de alguns dias encantará a nossa "gens" artistica, no Republica.

Apenas algumas palavras sobre o entrecho, na actual versão. "Rodolpho", poeta, e "Mimi", costureira, ambos pobres, quasi miseraveis, vivem na mesma casa de commodos. Encontram-se, não tardando a se apaixonarem. "Rodolpho" e seus companheiros de casa e de bohemía têm occasião de impedir que "Mimi" seja posta fóra de casa por atrazo de alugueis, o que decide o caso amoroso de ambos. Ligam-se, pois, num idyllio fremente.

"Rodolpho", inspirado, escreve muito, o que não impede a miseria de se affirmar cada vez mais negra, levando "Mimi" a se sacrificar, trabalhando para ambos.

A intervenção de um conquistador, que finge interessar-se pelo poeta, leva "Rodolpho" a pensar mal de "Mimi" a despeito da intervenção amigavel de "Musetta". Ha scenas entre os dois, dando motivo a que "Mimi" se sinta, além de doente, muito seriamente offendida pelo literato.

Foge delle, portanto. O successo vem logo, mas "Rodolpho" só pensa na sua "Mimi" que afinal volta, para morrer nos seus braços.

O DIA DA MULHER FEIA

Sim, meu amigo e meu irmão, a tua ideia é um assombro de delicadeza, de ternura e de bondade. E' mesmo uma ideia do seculo passado, de quando as machinas ainda não tinham alma e os homens ainda não eram machinas. E eu estou comtigo, incondicionalmente, ó meu doce poeta, para a realização immediata e corajosa do Dia das Mulheres feias.

Não posso porém deixar de te dizer que a tua ideia é tambem um monumento de estupidez, embora seja bastante original, ou talvez por isso mesmo. Mas que importa! Esse é até talvez o motivo mais imperioso para que eu esteja comtigo, ó meu amigo e meu irmão na Santa Cruzada que me propões.

De iniciativas intelligentes estamos todos fartos, até á raiz dos cabellos. Incluindo os proprios carecas, vê lá tu! E só um burro, um burro authentico, um burro sem flores de rethorica, um burro com quatro pés ou mais, é que se deixará ainda enlevar por certas propostas tentadoras ao typo de 92, que nos promettem de um dia para o outro as mais deliciosas vantagens ao typo de 94, para no fim de contas apenas trazerem lucro ao typo ...que nos soube engazupar com todo o conforto moderno.

Eu lamento que tu não sejas um abastado pensador ou um profundo millionario para rapidamente poderes impor a tua ideia christianissima á msassa encephalica da massa bruta. Como vês seria tudo uma questão de massa! Mas, desgraçadamente, tu — ó vate arruinado que nem nas rimas consegues ser rico! — não passas de um analphabeto financeiro, que é como se chama agora aos pobresinhos, desde que é só a riqueza que dá lustre e prestigio á besta humana.

Ergamo-nos porém como um só homem — o que se torna relativamente mais facil quando se trata apenas de dois — e, constatando não te ser possivel lançar na praça a tua lembrança gentil com a mesma galhardia com que os srs. Rotchilds lançam em outras praças os emprestimos ás nações, cubramos nós ambos dez vezes, vinte vezes a emissão da tua voz caritativa e quedemonos a rir, a rir superiormente! "Ridendo castigat mores", como diziam os latinos quando se viam gregos para dominar a immoralidade dos costumes.

Riamos pois! E para iniciar o castigo dos maus habitos, comecemos por destruir essa balella de que "o sol quando nasce é para todos". "Para todos" é apenas a revista do nosso Alvaro Moreira e o resto são boatos.

O sol é para as mulheres bonitas, em cujos olhos elle põe mil soes, num segundo e bemdito milagre da multiplicação. O sol é para a mocidade, a quem empresta as cores da aurora e a alegria quente dos meio-dias. O sol é para ti, que o misturas á hora do arrebol com a canção apaixonada do rouxinol, ficando de uma assentada com tres rimas para dois tercettos de um soneto pessimo. O sol é para mim, que gosto da sombra, a qual sem elle não existiria.

Mas para as feias, coitadinhas! para as feias não é o sol, não! A essas só serve para as tornar mais feias, pois se não houvesse sol não haveria luz e sem luz todas mulheres seriam bonitas, embora pela mesma razão porque todos os gatos conseguem ser pardos.

Os velhos já foram novos; muitos pobres já foram ricos ou podem vir a sel-o; apagam-se as estrellas do céo para outra vez brilharem na noite que as caricia; e as rosas que desfallecem na haste já deixam em botão outras tão attrahentes como ellas.

Só as feias são sempre, irremediavelmente feias! Feias quando nascem, feias quando morrem, feias de manhã, feias toda a noite, feias quando acordam, feias quando adormecem, feias tresnoitadas. Foi muito feio ter inventado as mulheres feias!

Creemos, pois, o Dia das Mulheres Feias! E sem que ellas o saibam, para que seja mais doce aos seus ouvidos a frase galante, para que ellas só vejam sinceridade no que não passa de caridade. Para cada mulher pobresinha de belleza, a esmola de uma mentira desvanecedora! Quem sabe até se não ficarão um pouco mais attrahentes, quando um sorriso de deslumbrado espanto lhes illumine o semblante!?

E não cuides que nos ficará mal! Lá porque não é bem visto andar pelas ruas a sussurrar ditinhos aos ouvidos das senhoras, nem por isso deixa de ser um habito quasi geral. E depois...sempre é mais perdoavel dizer coisas bonitas ás mulheres feias do que coisas feias ás mulheres bonitas!

Vamos! Mãos á obra! Ahi veem precisamente duas mulheres authenticasmente feias! Por signal que atraz d'ellas caminha a mais linda apparição que meus olhos teem lobrigado. Repa a! Que elegancia de attitude, que nobreza no porte, que suavidade nos olhos, que esbelteza no andar, que. .que.

. .o que?. .Deixei passar as duas feias sem dar por isso?. .E eram as duas unicas mulheres feias de S. Paulo?. .Oh! Co'a breca!

Mas olha, nada ha de perdido, porque para amigos mãos rôtas! Eu cedo-te as duas com muito gosto e vou perguntar áquelle amorsinho dos olhos suaves se ella quer, com duas palavras amaveis, começar por mim a commemoração do Dia dos Homens Feios.

Que diabo! Os homens tambem são gente.

JOSÉ PAULO DA CAMARA

O' HENRY

ALGEMAS E CORAÇÕES

Traduzido do inglez, por A. R. Netto.

Em Denver, o trem que chega do Oéste soffre sempre uma invasão de passageiros. Num vagão que parece ter escapado á chusma, mas está quasi cheio, entram, á ultima hóra, dois homens com os pulsos ligados por um par de algemas. O mais alto é um moço de porte altivo, francamente bello, vestido com apurada elegancia; o outro, bastante mais baixo, mostra a cara fechada e ajusta-se mal ás suas roupas gorsseiras.

Só ha logar num banco fronteiro ao de uma moça que traja á ultima moda e está cercada desses mil nadas luxuosos que denunciam o viajante de recursos e cultura. Sentam-se nelle os dois homens, só merecendo da passageira, a principio, um vago olhar desinteressado. Attentando no rapaz, porém, logo toda a sua face se illumina num sorriso, emquanto enrubece de prazer. Estende-lhe, com gesto impulsivo, a mão finamente enluvada e quando fala, é com vóz cheia, rica e segura, de quem está habituada a ser ouvida com deferencia.

"Muito bem, sr. Easton. Si o sr. faz questão que eu seja a primeira a falar, não me nego a isto. Esquece os amigos de outros tempos, porque os encontra no Oéste?

Ao som da vóz o moço ergue-se de prompto, parece hesitar um pouco, mas logo, num sorriso correcto, toma com a mão esquerda dos dedos que lhe estendem.

"Desculpe, senhorita Fairchild. Perdõe servir-me da mão esquerda. A direita está presa, como vê.. "

E pondo em evidencia a mão direita, faz-lhe notar o bracelete de ferro com que se liga ao pulso esquerdo do companheiro.

A moça tem um gesto de susto e pouco a pouco a luz de alegria lhe vae morrendo nos olhos. E fugindo o rosa das faces, emquanto os labios se entreabrem numa surpreza dolorosa.

O rapaz começa a esboçar um sorriso ironico e faz menção de dizer qualquer coisa. O homem mal encarado, porém, até ahi attento a olhar a moça, adeanta-se, tomando-lhe a vez:

"Desculpe, moça. Estou vendo que a senhora conhece aqui o delegado. Si quizesse dizer uma palavrinha a elle, talvez fosse bem bom para mim, quando a gente chegasse á cidade. Vamos agora para a prisão de Leavenworth. Foi uma falsificação de assignatura. ."

"Ah! falla a moça, num longo suspiro de allivio. "E' isto, então, o que está fazendo aqui. Trabalha como delegado, agora?"

"Cara senhorita Fairchild", explica o rapaz, numa serenidade meio negligente. "O dinheiro tem azas e a senhorita sabe quanto custa acompanhar o passo daquella gente de Washingston. Vi uma brecha no Oéste e — um delegado não vale um embaixador, bem sei, mas. "

"O embaixador", fala a moça, com impeto, não nos visita mais. E bem podia se ter dispensado disto. O sr. sabe... E agora vejo-o um desses heróes cavalleiros, que galopêa, atira e se mette em aventuras. Tudo bem differente da vida em Washington. Mas talvez ha de ter sentido falta do nosso meio..."

E fascinada, a moça torna a olhar para as algemas polidas.

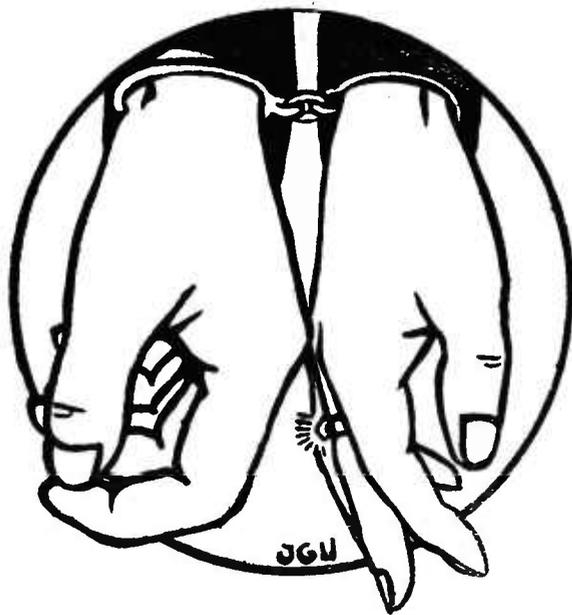
"Isto não tem importancia, senhorita," intervem o homem de rosto sombrio. "Todos os delegados se algemam juntos com os seus prisioneiros, para que elles não fujam. O sr. Easton conhece bem o officio. "

"E quando virá nos ver em Washington?", reata a jovem a palestra.

"Não sei ainda", diz Easton. "Penso que tão cedo não irei lá. Meus dias de borboleta já passaram"

"Gosto bem do Oéste", continua a moça, tendo nos olhos um brilho macio. Espia um pouco a paisagem meio agreste e fita longamente o joven. Começa a falar, então, com inteira simplicidade, sem toque algum do estylo. "Mamãe e eu passámos o verão em Denver. Mas papae ficou doente e ella voltou antes de mim. Não imagina... Eu bem podia viver e ser feliz no Oéste. Penso que não ha melhor ar no mundo. O dinheiro não é tudo. Mas ha pessôas que não querem comprehender, que teimam em se mostrar indifferentes. "

"Olhe aqui, sr. delegado" rosna o homem mal encarado. "Isto não está certo. Estou secco por um

BREVEMENTE
A CAPITAL
A CAPITAL
A CAPITAL
A Capital

gole. E ainda hoje não fumei. Não acha que já chega de conversas? Porque não me leva para o carro restaurante? Estou secco por uma cachimbada..."

Os dois algemados ergueram-se, reapparecendo na face de Easton o mesmo leve sorriso de ironia.

"Não posso negar um pouco de conforto ao meu preso", explica, meio despreoccupadamente. "Até outra vista, srta. Fairchild. Antes de tudo, o dever." E estende a mão, num gesto final de adeus.

"E' pena que não possa ir até Washington", commenta a moça, artificialisando-se outra vez nos maneirismos do estilo. "Mas o sr. precisa seguir. Vae a Leavenworth, segundo creio."

"Sim, não posso deixar de ri a Leavenworth", confirma Easton.

E os algemados deixam o vagão.

Perto do grupo dois passageiros escutaram toda a conversa. E um delles commenta para o outro: "Bem decente, este delegado. Gosto muita desta gente do Oéste"

"E além disso um bello rapagão", amplia o outro.

"Um bello rapagão? Mas, como?! Não comprehendeu, então... Não notou a delicadeza do velho delegado?" E, num meio riso de ligeira superioridade: "Onde foi que viu você um delegado se ligar ao preso, pondo a algema na propria mão direita?"

R E S U R R E I Ç Ã O

DE LUIZ FABIO

(*Conclusão da pagina 5*)

LUIZ GASTÃO

Vejo o, vejo-o agora! Ha um mez que, dia a dia,
Viver para um antigo e triste amor eu cria.
Era Helena que em toda a parte eu adorava,
Que em toda a parte eu via, e ouvia e respirava,
Sem sentir que ereis vós, oh, doce companheira,
Que eu tacteava a chamar, nas trevas da cegueira!
Que era do vosso labio a voz que cheia de ancia
Minha alma cria ouvir, lá longe, na distancia
Agreste de uma aldeia; e que era vosso, apenas,
— Desse voejante par de vossas mãos pequenas
Tecendo, em derredor de minha dor, mil zelos,
Ou do halito em que, leve, á flor de meus cabellos
Vos sentia offegar — que era vosso, somente,
Esse olor que eu bebia, ouvindo ao labio ardente
Vibrar a taça do ar como um crystal sonoro!

RUTH

Mas, então...

LUIZ GASTÃO

Mas então ha um mez que eu vos adoro!
— depois de um silencio, em que, tremulos, palpitantes, vão-lhe os dedos tacteando, uma a uma, todas as linhas daquelle rosto, que sente perto...
apaixonadamente perto...
Pobre cego que sou, como deveis ser linda!

RUTH

Oh! não! Sou feia, feia!

LUIZ GASTÃO

Impossivel! Infinda
Deve a graça possuir quem, qual manhan nascente,
Mesmo antes de se ver, já bella se presente.
A vossa mão é alva, e vou jurar, Senhora,
Que a vossa boca é rubra e mais rubra que a hora
Do dia em que o sol nasce!

RUTH

Oh, não! Sou feia!

LUIZ GASTÃO

Não!
Sois linda e tudo em vós é lindo.
O coração
Eu sinto-o palpitar, feliz, nessa ventura
Do vosso grande amor!

RUTH

Não, Luiz. Isso é loucura!...
Não sei, não devo amar!

LUIZ GASTÃO

Oh, sim! Decerto amaes,
E eu vos amo, e eu vos amo, e eu vos amo ainda mais!
— mãos presas nas mãos, collados os labios, Ruth e Luiz Gastão beijam-se num beijo terno e demorado —

RUTH

— levantando-se —
Já são horas de entrar...

LUIZ GASTÃO

Que linda esta manhan!
Não a achastes, tambem, encantadora, Irman?
A rosa que chorou durante a noite, quando
Viu os astros, no céo, a lua cortejando
A chorar mais não está, que o sol, divino amante,
Já veio consolal-a, e gentil, num instante,
Beijando-a ternamente a fez vibrar de amor!

RUTH

— segurando devagarinho no braço de Luiz Gastão —
Senhor...

LUIZ GASTÃO

— num galanteio, sorrindo —
Não é melhor deixarmos o "senhor"?...
— ouvem-se, ao longe, repicar festivamente os sinos do Hospital.
Ruth e Luiz Gastão, braços dados, saem lentamente de scena.

PANO

CASA LEBRE

GRANDE LIQUIDAÇÃO ANNUAL

ARTIGOS DE PRIMEIRA QUALIDADE

Camisas -- Chapeus -- Pijamas -- Gravatas

Meias -- Lenços -- etc., etc.

POR PREÇOS EXCEPCIONAES

CASA LEBRE

O NOIVO DE AURELIA

MARK TWAIN

Os factos que vou relatar acham-se consignados numa carta que me dirigiu certa senhora residente na formosa cidade de São José. Não tenho o prazer de conhecer a autora da missiva. Assigna Aurelia Maria, o que bem pode ser um pseudonymo. Entretanto, como esse é um pormenor que em nada importa ao interesse do relato, não paro com elle e abordo em cheio o assumpto.

Segundo pude colligir pela simples leitura do documento, a joven Aurelia tem soffrido muito neste mundo, e encontra-se agora sem saber o que deva fazer num momento decisivo de sua vida. Quer contrair matrimonio, porem de uma parte impedem-lho conselhos mais ou menos interessados de amigos e parentes, e de outra, difficuldades de um genero absolutamente novo. Apezar dos pesares, insiste em casar-se e, acreditando que minha opinião possa tiral-a do aperto, escreve para ma solicitar, com uma eloquencia capaz de commover uma estatua.

Saiba-se agora a triste historia de Aurelia.

Acabava de completar dezeseis annos quando encontrou em seu caminho um guapo mocetão de Nova Jersey, chamado Guilherme Caruthers. Viu-o e amou-o com todo o ardor de que é capaz um coração meridional, tendo a fortuna de ser correspondida. Juraram ser um do outro, com o consentimento das respectivas familias. Durante algum tempo foram felizes: sua existencia parecia caracterizar-se por uma immunidade á desgraça bastante superior á que possuem ordinariamente os entes humanos.

De repente, a sorte mudou. O bello Caruthers foi atacado pela variola negra, das mais violentas e destruidoras. De modo que quando o nosso homem recuperou a saude, parecia sua cara um verdadeiro plano em relevo das Montanhas Rochosas. Desventurado Guilherme!... Sua formosura havia desapparecido para sempre!.

Aurelia pensou de começo em romper o compromisso, mas levada pela compaixão, limitou-se a adiar de uns mezes o casamento, deixando o pobre Caruthers tranquillo e cheio de illusões.

Na vespera do dia fixado para a ceremonia nupcial, Guilherme, que contemplava distrahidamente o vôo de um cometa, caiu num poço e quebrou uma perna. Foi preciso amputal-a acima do joelho.

Pela segunda vez, Aurelia tentou libertar-se da palavra empenhada, mas o amor voltou a triumphar, ficando suspensas as bodas até que o noivo estivesse completamente restabelecido.

Novo infortunio, que não era mais leve que os anteriores, impediu a celebração do enlace. Assistia Caruthers ás salvas de artilharia commemorativas da Independencia Americana, quando o imprevisto disparo de um canhão lhe arrebatou um braço. Tres mezes depois levavam o outro as estrias de uma machina cardadora.

Aurelia, ao saber desta nova serie de desgraças, acreditou que morreria de desespero. Affligia-se ao ver que seu noivo a ia abandonando pedaço traz pedaço e pensava que, a seguir nesse systema de reducção, muito depressa não lhe sobraria grande cousa de Guilherme, pois ella carecia de meios capazes de o deter nesse funesto caminho.

Em seu profundo soffrimento chegava quasi a lamentar, como o negociante que se obstina em seguir uma empresa em que perde cada vez mais dinheiro, o não haver acceito a Caruthers antes que elle houvesse passado por tão alarmante diminuição. Entretanto sobrepoz-se, de novo, o affecto, e Aurelia decidiu por fim fazer frente, a todo custo, ás deploraveis disposições reductoras de seu promettido.

De novo se aproximou o dia do casamento e de novo se amontoaram as nuvens da desillusão. O incorrigivel Caruthers enfermou de erysipela e perdeu completamente o olho direito. A familia e os amigos da moça, considerando que ella havia demonstrado muito maior obstinação generosa do que racionalmente se lhe poderia haver exigido, intervieram pela terceira ou quarta vez e quasi lograram que ella desistisse de seu compromisso. Digo quasi, porque o rompimento não chegou a ser um facto. Aurelia disse que sim, ao escutar as razões de seus conselheiros, porem logo volveu atraz, reflectiu uns instantes e declarou, que, apezar de tudo, Guilherme não havia dado nenhum motivo de censura. Em consequencia dessa attitude, marcou-se a data do matrimonio e, nesse meio tempo, Caruthers quebrou a outra perna.

Foi um dia negro para a generosa menina aquelle em que viu os medicos levarem em um sacco o quarto pedaço de Guilherme. Chorou como a Magdalena, pensando que dia a dia ia diminuindo o campo de seus affectos; porem, com tenacidade de martyr, resistiu ás supplicas da familia e reiterou a Caruthers a sua promessa de casamento.

Poucos dias antes do termo aprazado para a ceremonia, aconteceu a ultima desdita. Em todo esse anno só houve um homem que cahisse nas mãos dos indios de Owen River; esse homem foi Guilherme Caruthers, de Nova-Jersey. O infortunado amante acudia á casa de sua noiva, entregue a doces sonhos de amor, quando foi caçado pelos pelles vermelhas, que lhe descascaram o craneo. Os crueis colleccionistas de cabelleiras deixaram a cabeça de Caruthers como um queijo do Reino completamente raspado.

Tal é a situação do promettido de Aurelia na actualidade. A abnegada donzella continua a querer-lhe, apezar de tudo, e é por isso que me dirige a consulta.

« Que devo fazer? diz no final de sua prezada carta. Eu amo Guilherme ou pelo menos ao que resta de Guilherme. Minha familia se oppõe com todas as suas forças a que o matrimonio se realize, porque meu noivo, alem de estar impossibilitado de ganhar o pão, é mais pobre do que eu e eu não sei o que sejam cinco dollars reunidos. Rogo encarecidamente a V. S. que me tire destas duvidas. A' espera de resposta, etc... »

Responder categoricamente a uma pergunta dessa ordem é bem mais difficil do que parece. Trata-se de dar uma resposta clara, terminante, sem ambiguidades.

Vae nisso a sorte e talvez a vida de uma mulher e de quasi as duas terças partes de um homem. A meu ver seria assumir uma enorme responsabilidade responder com uma indicação vaga e no unico intuito de sahir da difficuldade.

Vamos ver : custaria muito a reconstrucção completa de Guilherme? Porque si for cousa barata, poderiamos tentar alguma cousa nesse sentido, destinando parte de minhas economias á compra de dois braços, duas pernas, um chinó e um olho de vidro, para o infeliz noivo. Penso que sahiriamos ganhando todos : elle ficaria muito apresentavel, a noiva muito contente e eu satisfeito por ter contribuido á felicidade de dois seres que se amam.

Feita a reconstrucção, conceda Aurelia a seu adorado um prazo improrogavel de noventa dias, no intuito de que se habitue ás suas novas acquisições e si nesse termo Guilherme não deixa os miolos em qualquer parte, que se casem abençoados por Deus.

Assim, pois, prezadissima senhorita Aurelia, si seu noivo não resistir a essa extranha tentação de fracturar-se algo toda a vez que encontra opportunidade favoravel, sua proxima experiencia vae-lhe ser seguramente fatal e nesse caso V. S. ficará tranquilla para sempre. Supponde que se hajam casado ao occorrer a nova catastrophe, herdará V. S., por direito proprio, as pernas, os braços e outras miudezas do defunto. E então, na realidade, só teria V. S. perdido o ultimo pedaço vivente de um marido honrado e desgraçadissimo que dedicou sua vida a satisfazer incomprehensiveis instinctos de destruição.

Tente a prova, senhorita. Meditei longamente sobre o assumpto e acredite que essa é a unica solução razoavel. Claro está que Guilherme Caruthers teria procedido avisadamente si houvera começado por estalar os miolos. Porem, desde que escolheu um outro systema, querendo sem duvida prolongar-se o mais possivel, não temos o direito de nos immiscuir em questões intimas.

Tire a senhorita o melhor partido das circumstancias e pense que talvez a felicidade conjugal está em que um dos consortes se encontre nas condições em que se acha Guilherme Caruthers.

UMA CARTA QUE NUNCA FOI MANDADA

Não tens razão, meu louco Queres que te escreva, que te mande dizer que me esqueci de ti, que bastaram apenas alguns dias deste Rio para que se esbatesse, fugisse e apagasse a lembrança, tão viva e forte da nossa quadra de amor. E eu não escrevo, não quero, não devo escrever.

Desesperas-te. Chamas-me de falsa. Reclamas o golpe, como me pediste a "flambée" Eu, porém, não o darei, primeiro porque sou cobarde, não tenho forças para ferir-te, eu que tanto te quero; e depois porque sei, porque sinto que é necessario, é preciso ires pouco a pouco perdendo o apreço em que me tinhas, amando-me ainda, talvez, mas me despresando já.

Desprezando, sim. Preciso que me desprezes. E que encontres nesse desprezo a força de recompôr a tua vida, que pensei, ahi, seria tambem a minha, a nossa vida. Desprezando-me terás força, para me encontrares, austero ou indifferente, como é preciso, como é necessario que me encontres. Só assim eu não terei na tua existencia a influencia perturbadora que ia dando comtigo por terra.

Comtigo, meu bem, porque eu estou por terra ha muito tempo. Tu vieste e me levantaste um pouco, com a tua ternura, o teu respeito, o teu amor serio e grave. Ahi, vendo-te, encontrando-te, sabendo que um simples recado pelo tellephone podia trazer-te junto a mim, eu não podia, eu não sabia resistir á vontade de chamar-te, para ter junto de mim alguem que me dignificasse. Tinha cahido tanto...E tu me ergueste, tu me chamaste á tua altura, onde fiquei, mas de onde preciso sahir, perante ti, para os teus olhos.

E' terrivel esta renuncia. A felicidade chegou, mas tão tarde...E por isso não vale reatar, numa triste tentativa de vivermos juntos, este magnifico estar juntinhos que foram os nossos quarenta e tantos dias de São Paulo. E's romantico e facilmente me acreditarás perfida. E's sensivel e te doerá este descaso, que é a minha melhor arma contra ti, contra mim mesma, tambem.

Não, não escreverei. Estas palavras em que derramo minha alma, tu nunca as lerás. Ficarás pensando, sempre, que cheguei aqui e que me esqueci...

Não tardaremos a nos encontrar. Irei ahi, virás aqui. Terás, talvez, a curiositade de ver-me, quererás mostrar-me, possivelmente. que não te interessas por mim, que não tens mais, perto de mim, junto de mim, aquella vibração que parecia trazer-te novamente aos vinte annos, que punha uma luz ingenua nos teus olhos tristes e firmes. Quero que fiques armado com teu orgulho ferido, suppondo-me ingrata, dizendo-me traiçoeira e mentirosa. Só assim quererás, poderás alheiar-te de mim.

Conheço-te bem. Emquanto esperas qualquer noticia de mim, que nunca chegará, o sceptico que ha em ti vae vencendo o romantico. Haverá luta, haverá dor, mas o bom senso vencerá. Deve vencer.

Entretanto...Si eu podesse, que carta não receberias, que carta não estarias relendo...Como diria ella a impressão que me fizeste, o mundo que me revelaste, a transposição de todos os planos de illusão que provocaste! Como recordaria o passado, como imaginaria o futuro! Que instantes revividos, que sonhos desdobrados! Mas sou mais velha do que tu, sou uma mulher que não pode ser tua companheira. Uma criatura que viveu, que jogou e que perdeu. Mas que se dóe, que se importa, por que depois de ter perdido sua mocidade, perdeu-te a ti, por ultimo.

Falas em coragem. ..Mais do que tu eu tenho coragem, porque ahi estás logicamente revoltado, indignado commigo. E eu, eu soffro porque tu soffres e porque sou quem te faz soffrer. Como é difficil calar, quando sei que ainda hoje um gesto, uma palavra minha bastaria para approximar-nos! Como é duro, para uma fraca mulher que o amor chama, dever impôr-se o triste papel de passar de boa a má, aos olhos do homem que a ama e a quem ama...E' mais que duro, é amargo. E só mesmo pensando que si recebesses, mesmo, esta carta que rasgo, que não mandarei, ficarias então exultante, fremente de satisfação, é que eu tenho animo para arrastar tristemente, ainda, esta pobre vida...

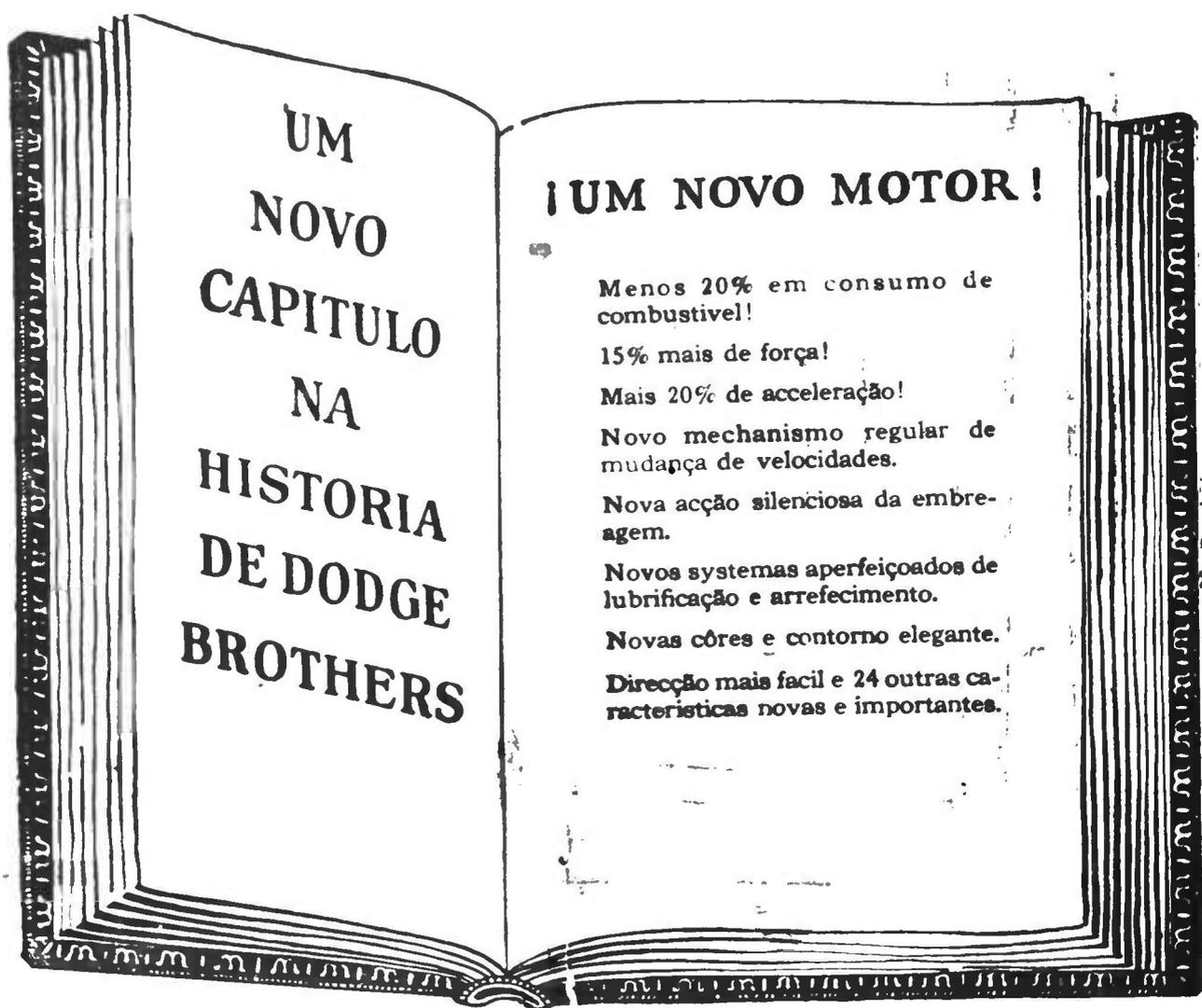
Mahitê

V EXPOSICAO DE
AUTOMOBILISMO

PROMOV. PELA

ASS. DE ESTRADAS
DE RODAGEM

JG VILLIN 27

4 -- CYLINDROS -- 4

EM EXPOSIÇÃO:

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 39-41

ANTUNES DOS SANTOS & CIA